

Modos de ser jovem no mundo contemporâneo e as suas implicações com as escolhas profissionais

The way of being young at the contemporary world and its implications at the professional choice

Mônica Dreux Frotté

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Escapando de abordagens que tomem os objetos e fatos ‘em si’, este texto busca problematizar os modos de ser jovem no contemporâneo e seus posicionamentos quanto às escolhas profissionais. Nossa perspectiva caminha pelo viés das tecnologias do poder de inspiração foucaultiana, produzindo uma análise histórica que desliza da soberania ao disciplinamento e biopolítica e mais recentemente ao controle, considerando as múltiplas forças que estão presentes no seu engendramento, deixando sempre um rastro de passagem. Nestas configurações, evidenciaremos o modo como diferentes campos de escolhas profissionais foram ganhando consistência para os jovens de hoje, tendo como foco as implicações com a lógica predominante do mercado, produtora de subjetividades consumistas. O desafio está em apontar as possibilidades de escape ao constituído, provocando o pensamento na construção de um campo problemático, onde as escolhas se façam não por aderências, mas a partir de um indiscernível.

Palavras-chave: juventudes; contemporâneo; escolhas.

ABSTRACT:

Escaping of approaches that take objects and facts “by itself”, this text looks for bring into troubles the ways of being young at the contemporary world and their positioning at their professional choices. Our perspective walks through the bias of the technology of the power of an Foucaultian inspiration, producing a historical analyses that slides from the sovereignty to the fact of giving discipline and biopolitics and more recently to control, considering the multiple strength that exists in its production, leaving always a track in the way. In these configurations, we will point out the way that different fields of professional choice were becoming consistent to today’s young people, having a focus on the implications that are predominant logics of the market, producer of consumist subjectivities. The challenge is to point out the possibilities of escaping from situations that already exists, the thought in building of a troubled field, where choices are to be made not by adhesions but from indiscernible.

Key-words: youth; contemporary; choices.

As inscrições estão abertas para as intervenções em Análise Vocacional no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense (SPA/UFF). Os jovens chegam para uma primeira entrevista. Estão com os seus pares, alguns sozinhos,

outros levados pela família. Este primeiro encontro se destina a explicar o processo de trabalho, muito mais pelo a que não se destina, do que pelo que acontece. Percebemos que o entendimento da intervenção, que não se preocupa em dar respostas, mas em criar campos problemáticos, só se efetiva via experimentação de todos os envolvidos, jovens e coordenadores. E então o convite é feito neste sentido: estar disposto a experimentar. Os jovens, geralmente, aceitam a proposta. Várias expressões se fazem nesta primeira entrevista em que o desconhecido comparece: Mas depois de tudo isto vocês vão dar indicações de caminhos? Não tem teste, mas tem resposta? Tem algum papel? Vão falar sobre as profissões, mercado de trabalho? Não sei se escolho o que me dá prazer ou o que me dá dinheiro? Mas o Vestibular já está chegando, será que vai dar tempo de eu resolver? Vou ter emprego na profissão que eu escolher? É muito cedo para eu decidir o que vou fazer o resto da vida. Não posso errar. E uma em especial chamou a atenção. Diante da indecisão do filho, a mãe sugere: “Faz meu filho, é 0800”. Estas são algumas das falas que dizem dos modos de ser contemporâneos, processados pela criação de subjetividades onde valores, afetos, desejos, podem ser mercantilizados. As hesitações buscam resoluções, rápidas, práticas e vendáveis. No “0800”, na gratuidade, ou melhor, no pagamento indireto¹, vale arriscar. Sem nenhuma cerimônia se desqualifica um trabalho, pensando na premissa ‘se não tem dinheiro, nada se perde’. Estas falas não dizem de todas as outras, mas servem como provocação para o pensamento, com leituras que apontem a produção de subjetividades contemporâneas, com seus contornos e possibilidades de desmanchamentos. Pois é exatamente acolhendo o estável que a intervenção acontece, desestabilizando-o e criando alianças com forças de criação de outros mundos.

Os modos de ser jovem no mundo contemporâneo e suas escolhas profissionais, foco deste trabalho, objetiva assim traçar linhas que se atravessem e constituam um tear de noções e conceitos que escapem da produção de ideias essenciais e substancializadas e se ponha a pensar a constituição de territórios existenciais marcados pela história.

Nesse caminho se faz imprescindível distinguir a denominação sujeito jovem da subjetividade jovem. O conceito de subjetividade não se reduz ao sujeito entendido como dotado de uma natureza. A subjetividade é uma fabricação de si, entendida como processo de subjetivação – que se faz entre uma variação de componentes, tanto extra pessoais, tais como a política, a economia, a mídia, a tecnologia, como pessoais: códigos biológicos, histórias familiares, escolares, do percurso de vida. Quando um “eu” se expressa, fala da multiplicidade de mundos entrelaçados num ilusório estado de

identidade, sendo o sujeito apenas um dos modos de ser da subjetividade. A subjetividade comportaria então um duplo movimento, de assujeitamentos ao já constituído e também um processo de singularização onde é possível sair da fixidez amarrada nas identidades, para a temporalidade dos estados. O exercício do singularizar aponta para o encontro e afetação dos corpos, onde o que predomina é da ordem de uma potência, da multiplicidade, que resiste aos sentidos cristalizados e insiste na configuração de territórios inéditos (GUATTARI e ROLNIK,1996).

Quando se pensa em juventude, num primeiro momento, somos tomados pela compreensão de uma parcela da população que se encontra numa faixa etária delimitada atualmente, por alguns autores, entre 15 a 24 anos.² Mas se aceitamos esta ideia como referência, não nos reduzimos a ela, fazendo aparecer outros sentidos, abandonando concepções de juventude que tomam o jovem como objeto de estudo e suas relações com o contexto histórico já determinado e consideramos os discursos e práticas que constituem a subjetividade jovem.

Numa análise que privilegia a micropolítica, descrita por Foucault (1988), entendemos também que os saberes sobre a juventude se constituem numa rede de poderes estratégicos, microcapilares, que provêm de diferentes direções e se efetivam nos corpos. Fazem-se numa correlação de forças que em determinadas condições produzem verdades sempre jogadas num tempo: “...não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”(FOUCAULT, 1993: 30). Afirma-se então um corpo político, produzido por relações de poder que não se fazem de forma verticalizada, de cima para baixo, mas num nível permanente de tensão, não havendo nada estático, estruturado, mas sempre fabricado.

Num recorte histórico, analisado pela vertente das tecnologias do poder, prioriza-se pensar a emergência da noção do jovem e suas relações com as escolhas profissionais a partir do momento em que, na época clássica, a lógica das sociedades de soberania, descritas por Foucault (1976), não mais dão conta da industrialização crescente, do aumento populacional e da expansão das cidades. O soberano tinha o poder total sobre a vida dos seus súditos porque decidia o momento da morte: “fazer viver e deixar morrer”. Era preciso, a partir do século XVII, compor outros sentidos que trouxessem a preocupação com o campo da vida e seu desenvolvimento, a fim de acomodar todo este processo de expansão, minimizando assim o foco na morte. “De que

modo um poder viria a exercer suas mais altas prerrogativas e causar a morte se o seu papel mais importante é o de garantir, sustentar, reforçar, multiplicar a vida e pô-la em ordem?” (FOUCAULT, 1988: 150). Neste cenário, operadores de poder vão entrar para produzir forças geradoras de vida, em dois momentos diferenciados.

Num primeiro momento, uma interferência direta é produzida sobre o corpo do indivíduo, disciplinando-o, canalizando as suas forças, transformadas em “aptidões”, para se tornarem “economicamente úteis e politicamente dóceis”, a serviço de uma nova configuração de sociedade. São corpos que irão servir, principalmente, aos propósitos do crescimento industrial, das novas relações de trabalho do mundo capitalista. A disciplina atuará com seus capilares de dominação sobre a desordenação provocada pelo crescimento econômico, produzindo saberes, vigiando e organizando o espaço e o tempo do indivíduo em sua existência. “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 1993: 30). Este poder irá se exercer por intermédio de diferentes instituições³ que atravessam a vida dos indivíduos – escolas, hospitais, prisões, igrejas, dentre outras –, estabelecendo mecanismos sutis de administração dos corpos, apoiadas nos saberes que surgem das ciências e que vão se ocupar do estudo do homem, inaugurando procedimentos que reforcem a lógica disciplinar.

Desde a Grécia Antiga (século IV, A.C.), Platão em seu projeto filosófico já anunciavam uma preocupação com a organização da cidade do seu tempo. Platão deparou-se com o caos, com o fluxo da vida, e definiu em sua obra critérios racionais de organização da vida e da morte. Privilegiou a razão, pertencente à alma, que pela via do conhecimento dialético controlaria o mundo sensível, preso às paixões corpóreas. Alinhou o pensamento na busca da verdade, no mundo das ideias já concebidas. Não cabe aqui uma exposição mais detalhada sobre a obra platônica⁴, mas sim afirmar o quanto ele se deparou com a pulsação da vida, anunciando-a não para compor linhas potentes, mas para controlá-la. Tomado pela perturbação das paixões, pensou em como contê-las para que as diferenças fossem modeladas em prol de um convívio e de virtudes humanas mais nobres. Muitos outros filósofos ao longo da história foram criando interlocuções com suas concepções e o Ocidente foi sendo impregnado pela dominância do pensamento representativo como base para uma vida organizada.

Num segundo momento, na metade do século XVIII, o investimento disciplinar se complementa e se dirige à população, rastreando suas capacidades biológicas, regulamentando-as, no surgimento do que Foucault (1988) denominou Biopolítica. Uma

política que não diz respeito somente ao corpo individual, mas que emerge com a preocupação de controle biológico do conjunto dos homens no que tange a saúde, doença, natalidade, mortalidade, habitação etc. A tecnologia do poder agora passa a atingir os sistemas globais, buscando um equilíbrio que preserve a vida, prolongando-a, evitando doenças e infortúnios e zelando pela máxima extração de forças indispensáveis ao trabalho e à produção.

Estes dois momentos, das disciplinas e das regulamentações, vão se articular em torno da norma, com técnicas que, a partir do século XIX, fazem a junção do nível do detalhe – corpos submissos e produtivos – e do nível da massa – controle da população – aos processos econômicos, instaurando a era do “biopoder”. Este projeto que sintetiza estes dois pólos produz subjetividades e constitui um elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo. As instituições atualizam esta rede de poderes, num processo de integração, aprisionando-os e fixando-os em regras a serem seguidas, assim como num processo de diferenças aprisionadas em dualismos, principalmente de classe e sexo (LAZZARATO, 2006). Nesta vertente formativa e produtora de alternativas excludentes (ex: ser homem ou mulher), as instituições se aliam à figura do Estado, neste momento preocupado em assegurar o bem-estar da população. Assim firmou-se um pacto entre o capital e a formação para o trabalho, tendo o Estado como mediador.

Emergiu a figura do trabalhador, segundo Sibilía (2002), como efeito das funções disciplinadoras e biopolíticas. Assim, o trabalho não se constituiria como “essência natural do homem”, mas foi engendrado nesta mistura de produção do vivo, fundamental para a manutenção da ordem vigente. Neste contexto, uma parcela da população precisou ocupar os postos de trabalho, com suas novas funções, contratos e regulamentações. Um novo corpo precisaria ser inventado, nesse universo múltiplo de oportunidades que se apresentavam, e que se encaixasse apropriadamente. Se o vivo é da ordem das forças, nomeadas como aptidões, como canalizá-las, extraindo o máximo de potência para servir ao propósito da produção, sem que haja perdas e nem prejuízos? Esculpiu as forças em sua exata medida para que servissem aos propósitos do capital, como no princípio taylorista: “o homem certo, no lugar certo”. As aptidões, inerentes ao humano, seriam então reveladas e adequadas aos postos de trabalho, com discursos e práticas que cada vez mais se dirigirão, prioritariamente, à juventude – principalmente a denominada adolescência, delimitada, pelas perspectivas de saber desenvolvimentistas, como aquela faixa etária em transição da fase infantil para a adulta, com suas

características específicas, em especial a entrada no mundo do trabalho. Nesse projeto de “ser alguém” o jovem adolescente necessitaria de auxílio para superar as suas dúvidas. Com a psicologia em ação, de caráter positivista, a prática de orientar vocações foi se firmando, com técnicas cada vez mais eficazes de revelação de interiores, produzindo homens aptos a se conduzirem em suas atividades profissionais – uma intervenção que veio a servir aos propósitos da organização do trabalho no mundo capitalista, colocando de um lado um orientando hesitante, procurando direções acertadas, por sua vez dadas por um orientador. Como se o caminho pudesse ser previamente planejado, como uma seta procura um alvo na ilusão de que ele esteja ali, fixo e com igualdade de oportunidades para todos, aguardando o lançar da mesma, bastando se esforçar e fazer o seu melhor.

Esta afinação entre disciplina e biopolítica se fez até meados do século XX, quando estas configurações começam a ser abaladas. Uma crise que inaugura outro tipo de sociedade, que Deleuze (1990) nomeou como “sociedade de controle”.

A passagem de uma sociedade a outra (soberania – disciplina – controle) não se efetua pelo pleno acabamento da configuração de forças estabelecidas, mas por aquilo que escapa da lógica predominante pela via da experimentação e faz conexões, construindo um campo de possibilidades onde novos acontecimentos possam vir a se atualizar. Não há o que deixar para trás, numa linha cronológica do tempo, mas o que se apresenta como fato histórico carrega consigo uma mistura de composições (soberania, disciplina, controle). O que interessa é extrair do contorno de sociedade possível, predominante naquele momento histórico, além do aprisionamento, aquilo que é da ordem da potência, do múltiplo, para, na batalha contra as capturas, inaugurar outras conexões com a vida.

O anúncio gradual de um mundo globalizado e informatizado, sem restrições espaciais, provoca uma desestabilização nos mecanismos de assujeitamento operados pelas sociedades disciplinares, não mais se efetuando por instituições de confinamento, mas por redes flexíveis de monitoramento operadas por dispositivos tecnológicos. Este desenhar de uma rede vem provocar um alcance muito maior de penetração e controle da existência. Na manutenção da dimensão biopolítica, o poder penetra na totalidade da vida, objetivando a sua produção e reprodução em todos os seus âmbitos, inclusive o genético. “Trata-se de um controle que invade a profundidade das consciências e dos corpos da população, atravessando as relações sociais e integralizando-as” (PÉLBART, 2003).

Neste mundo fluido, a existência se põe num intenso processo de circulação, pronta a se “plugar” com informações, imagens e bens, com senhas que permitem acessos restritos. Na necessidade de aumentar o giro das mercadorias, é necessário criar subjetividades antenadas com a esfera de um consumo volátil, efêmero, seletivo e descartável, não só de objetos materiais, mas de estilos de vida (PÉLBART, 2003).

O trabalho se torna cada vez mais automatizado, perdendo a sua materialidade e se voltando para a “alma” do trabalhador, com menor ênfase no trabalho mecânico, característico da sociedade disciplinar. Explora assim características que são indispensáveis ao aspecto produtivo, tais como: criatividade, inteligência, espírito de coletividade e polivalência, num tempo de trabalho antes cronometrado e circunscrito ao local, para fazê-lo valer em qualquer hora do dia, envolvendo o trabalhador muito mais com toda a empresa.⁵

Em uma encomenda de trabalho a ser executado em numa rede pública municipal de ensino médio, a psicóloga responsável solicitou à equipe do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense⁶, uma intervenção com os alunos de 3º ano. Para entendermos melhor esta demanda, solicitamos uma reunião. Neste encontro, ela explicitou a necessidade de orientar os alunos para cursos de Licenciatura, pois eles não seriam capazes de passar em outros vestibulares (mais difíceis) e cursar outros tipos de formação. Este era assim o “perfil” de seus alunos, já controlado e dirigido a um determinado mercado de formação, numa afirmação que apontava para uma não possibilidade de afirmação de outras escolhas, assim como uma desqualificação das licenciaturas.

A preocupação com o mercado atual também perpassa as escolhas profissionais dos jovens atendidos no SPA/UFF. Querem saber se suas opções quanto às carreiras servem ao mercado, se vão ter emprego, dinheiro, numa exterminação do futuro, numa preparação intensa para preencher requisitos necessários às novas maneiras de ser vendável ao mundo do trabalho. Ensaio, cada vez mais precoces, invadem as instituições de ensino com a ânsia de que seus alunos aprendam no presente a serem empreendedores de si mesmos. Na pista do empreendedorismo, não importa que dimensões tenham, constroem-se maneiras de administração de seus próprios negócios, transformando potências em capacidades produtivas e de interesse comerciais, numa política que mascara um mercado de trabalho que não tem mais lugar para todos.

Num tempo sem espessura, a pressa é companheira da caminhada, que antecipa projetos, percursos, com a ânsia de preparação para um mercado, temendo um não lugar na produção. Não há aqui nenhuma intenção de se opor às qualificações como projetos de aperfeiçoamento e de crescimento profissional, mas de alertar para o fato de como estão sendo experimentadas, muitas vezes como meras aquisições, reproduções, sem atravessamento com a vida, podendo gerar a sensação de portar um grande “cinto de inutilidades”.

Quanto desconforto anuncia um jovem quando quer escolher uma profissão de menor prestígio no mercado? Como ser acolhido se, de antemão, lhe dizem “isto não tem mercado”?

Ao atingir a esfera cognitiva, criativa e afetiva do trabalhador, a princípio, numa análise mais apressada, poderíamos acreditar na diretriz de um movimento que se baseia na produção de singularidades, mas o que interessa ao capital como processo, como máquina de produção, é criar modos de subjetivação que explorem ao máximo as potências do vivo, mas em prol da reprodução de imagens e informações comercializadas, prontas nas “prateleiras” para serem consumidas por todos. Os problemas da vida cotidiana, como os de escolher uma profissão, são resolvidos baseados nestes valores constituídos pelo mercado (eficiência, desempenho, lucratividade), onde o humano é convocado ao conhecimento de suas probabilidades e tendências, administrando os riscos e construindo planejamentos que assegurem ao máximo a qualidade de sua vida (qualidade já moldada). Uma gestão de si que, segundo Sibilía (2002), encarna uma dimensão paranoica, num deslizamento operado em rede e com mudanças rápidas, marcado pelo medo de morrer e de fazer valer “a qualquer preço” a infinitude da vida. Com uma aliança poderosa com a medicina e a biotecnologia, toda dor e mal-estar devem ser eliminados rapidamente, com medidas técnicas e corretivas, sem lugar nem tempo para processar qualquer incômodo.

Os jovens, no mundo atual, têm suas vidas ancoradas nestes sentidos, que trazem quando se deparam com as escolhas profissionais. Estão imersos neste caldo contemporâneo e não escolhem, mas se aderem ao que já está pronto para ser consumido, num universo de alternativas onde um terceiro elemento está sempre excluído. Não se encontra tempo para se debruçar sobre o que acontece, fazendo um exercício de constituição de si nas próprias experimentações, criando contornos de existências possíveis. Isto se faz num campo de batalha, fazendo do funcionamento em

rede não um “arrastão”, mas criação de agenciamentos coletivos com potência de transformação.

Segundo Lazzarato (2006), todos os seres humanos têm capacidade de inventar novos desejos, crenças, opiniões, associações, trazendo a invenção como potência da vida. Há sempre um esforço de aprisionamento e cada força viva que escapa do controle pode se tornar uma variação expressiva que, conjugada a outras, pode criar contornos inusitados.

Estes modos de vida presentes no cotidiano atual não se tecem por uma imposição de lemas, absorvidos de forma passiva e rendidos às determinações do capital. A subjetividade, produção de modos e ser e estar no mundo, se faz como um processo em constante movimento, que sempre carrega em si uma instabilidade, porque a composição de forças que dão visibilidade a uma determinada forma de ser já carrega em si a possibilidade de se diferir quando em conexão com outras forças. É nesta multiplicidade do vivo que o capitalismo investe, produzindo ritmos e formas de viver, sentir, amar, trabalhar, numa tentativa de aprisionamento em formas regulares, que escapam em todas as direções. Nestas fugas, a vida inventa saídas, alternativas, capacidades de diferir. Nestas experimentações coletivas a vida é provocada em sua expansão e não só em seus constrangimentos.

Neste sentido acolhemos estes modos de ser jovem, e suas implicações com as escolhas, proporcionando uma parada no tempo, criando espaços de encontro, coletivos, onde o surpreendente possa comparecer e fazer valer a batalha pela criação de escolhas, não por aderências, mas por criação de um campo de possíveis.

Referências

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins fontes, 2000
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986
- LAZZARATO, Mauricio. *As revoluções do Capitalismo. A política do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- PELBART, Peter. *Vida Capital. Ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

SPOSITO, Marília. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago.1997, nº 5

Mônica Dreux Frotté
Universidade Federal Fluminense
E-mail: modreux@uol.com.br

¹ Entendemos que a Universidade não é gratuita, mas pública, paga indiretamente através de impostos, sendo direito de todo o cidadão.

² Marília Sposito (1997) em seu artigo: “Estudos sobre juventude em educação” delimita esta faixa etária, atualmente, um pouco mais ampla, baseada nos estudos de Felícia Madeira.

³ Instituições aqui entendidas como dispositivos que fazem ver, ouvir, falar; enfim, produzem sentidos.

⁴ Ver Marilena Chauí (Introdução à História da Filosofia, 1994).

⁵ A empresa substitui o modelo da fábrica – instituição de confinamento – existente na sociedade industrial, pois se baseia num modelo de construção privada, com linguagem flexível e voltada para o mercado.

⁶ Esta equipe é a mesma citada no início do texto, que faz intervenções em Análise Vocacional.